

CONTAR, RECONTAR E ENCANTAR: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM UMA ESCOLA DOS ANOS INICIAIS DO MUNICÍPIO DE MARACÁS-BAHIA



TELLING, RETELLING AND ENCHANTING: STORYTELLING IN AN EARLY YEARS SCHOOL IN THE MUNICIPALITY OF MARACAS-BAHIA

CONTAR, RECONTAR Y ENCANTAR: CUENTACUENTOS EN UNA ESCUELA DE PRIMEROS AÑOS DEL MUNICÍPIO DE MARACAS-BAHIA

Ananda Vieira dos Santos <https://orcid.org/0009-0007-8738-5554>¹

Marilete Cardoso <https://orcid.org/0000-0002-4088-8249>²

RESUMO

Este artigo traz, sinteticamente, a sistematização dos resultados de um estudo acerca da compreensão de como o lúdico é colocado em prática na contação de histórias, para potencializar o imaginário das crianças dos anos iniciais do ensino fundamental I, de uma determinada escola da rede pública do município de Maracás–BA; assim como, analisar os desafios enfrentados pela professora para a prática de contar histórias no cotidiano da escola. Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, inspirada no método do tipo etnográfico, na perspectiva histórico-cultural. Os dispositivos da pesquisa foram: a observação e entrevista, realizada em uma escola de rede pública, no município de Maracás-Ba com uma turma de 2º ano. Como principais resultados constata-se que: muitas vezes essa prática de contação de história é vista como uma atividade recreativa, focada no calendário comemorativo, sendo considerado como algo negativo ou desnecessário. Também ficou evidente que estes momentos só acontecem em dias específicos e mesmo nesses dias, a real intenção das educadoras não é a de potencializar a criatividade e o imaginário infantil, e sim, cumprir com o planejamento escolar, já que a escola possui um projeto de leitura.

Palavras-chave: Contação de histórias; Anos iniciais; Imaginação.

ABSTRACT

This article brings, synthetically, the systematization of the results of a study on the understanding of how playfulness is put into practice in storytelling, to enhance the imagination of children in the early years of elementary school, at a specific school in the public network of municipality of Maracás –BA; as well as analyzing the challenges faced by the teacher in the practice of telling stories in

¹

² Doutora em Educação (UFBA). Mestre em Educação (UFBA). Especialista em Psicomotricidade Relacional (UNILASALIE-RS). Professora Adjunta do Departamento de Ciências Humanas e Letras (UESB). Docente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGed/UESB). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Ludicidade e Infância (GEPELINF/UESB). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação, Didática e Ludicidade – GEPEL/UFBA. Orcid:<https://orcid.org/0000-0002-4088-8249> E-mail: marilete.cardoso@uesb.edu.br

the daily life of the school. This is a research with a qualitative approach, inspired by the ethnographic method, from a historical-cultural perspective. The research devices were: observation and interview, carried out in a public school, in the municipality of Maracás-Ba with a 2nd year class. The main results show that: this practice of storytelling is often seen as a recreational activity, focused on the commemorative calendar, being considered something negative or unnecessary. It was also evident that these moments only happen on specific days and even on those days, the educators' real intention is not to enhance the student's creativity and imagination, but rather, to comply with school planning, as the school has a project of reading.

Keywords: Storytelling; Early years; Imagination.

RESUMEN

Este artículo trae, de manera sintética, la sistematización de los resultados de un estudio sobre la comprensión de cómo se pone en práctica la lúdica en la narración de cuentos, para potenciar la imaginación de los niños de los primeros años de la escuela primaria, en una escuela específica de la red pública de municipio de Maracás –BA; así como analizar los desafíos que enfrenta el docente en la práctica de contar cuentos en el día a día de la escuela. Se trata de una investigación con enfoque cualitativo, inspirada en el método etnográfico, desde una perspectiva histórico-cultural. Los dispositivos de investigación fueron: observación y entrevista, realizada en una escuela pública, del municipio de Maracás-Ba con una clase de 2º año. Los principales resultados muestran que: esta práctica de contar historias muchas veces es vista como una actividad recreativa, enfocada al calendario conmemorativo, considerándose algo negativo o innecesario. También se evidenció que estos momentos solo ocurren en días específicos e incluso en esos días, la verdadera intención de los educadores no es potenciar la creatividad e imaginación del estudiante, sino cumplir con la planificación escolar, ya que la escuela tiene un proyecto de lectura.

Palabras clave: Narración; Primeros años; Imaginación.

INTRODUÇÃO

Contar histórias pode ser compreendida como uma forma de preservar culturas e também de ampliar conhecimento de quem escuta ou narra uma experiência. É reconhecida como uma prática lúdica, que potencializa o imaginário e a criatividade, sendo uma característica essencial para a aprendizagem da criança. No entanto, a compreensão dos aspectos lúdicos, como os jogos, o brincar e a contação de histórias, no ensino fundamental, barra na complexa problemática de ser limitadas e excluídas do cotidiano escolar, deixando esses momentos apenas para a hora da recreação.

É comum observarmos nas instituições “as crianças serem meras

espectadoras de sequências de atividades ou ficarem refém de propostas sem sentido” (Finco, 2015, p. 222), sendo que na maior parte do tempo as crianças passam sentadas escrevendo ou realizando atividades monótonas. Por isso, é comum encontrar muitos educadores com a visão de que a prática de contar história se destina exclusivamente à Educação Infantil, restringindo essa ação nas outras séries, o que é um grande problema a ser debatido.

Outra questão que devemos considerar é o rompimento do lúdico na educação básica, quando diariamente nas instituições de Educação Infantil a contação de histórias e outras experiências lúdicas se fazem presentes. Em contrapartida, nos anos iniciais, isso se quebra, se rompe e passa a ser considerado só questões pedagógicas, quando adotam o lúdico com caráter de preparo/como instrumento, tirando o caráter recreativo, espontâneo e criativo (Girardello 2018; Cardoso, 2018). Trata-se de problemática comum nas escolas do ensino fundamental, que exigem “que a brincadeira seja separada da atividade escolar, já que os alunos estão ali para aprender, não para brincar” (Cardoso, 2018, p. 29).

É preciso pensar a necessidade do lúdico no ensino fundamental, “com a ideia de liberdade e de criação, para que a criança cria um leque de oportunidades de experimentar a liberdade, expondo seu potencial criativo, na medida em que ela pode transformar a realidade pela percepção singular imaginativa” (Cardoso, 2018, p. 30). Ainda mais no mundo tecnológico em que vivemos, no qual tudo é mais fácil e prático de ser encontrado, as informações já vêm todas prontas. Por isso, Gilka Girardello nos aponta que, [...] “As crianças precisam, de um lado, ter acesso à riqueza narrativa; de outro, receber a escuta atenta, curiosa e solidária de quem está ao lado delas, para que desenvolvam a confiança em sua própria voz de narradores” (Girardello, 2020, p. 09).

Mediante ao contexto abordado e com base nas fissuras e questões acima levantadas, surgiu o interesse de investigarmos a seguinte questão: De que maneira o lúdico é colocado na prática de contar de histórias para potencializar o imaginário das crianças dos anos iniciais do ensino fundamental I, de uma determinada escola da rede pública do município de Maracás–BA? E quais os desafios enfrentados pela professora para realização da prática de contar de histórias no cotidiano da escola?

O Estudo teve como objetivo principal, compreender como o lúdico é colocado em prática na contação de histórias para potencializar o imaginário das crianças dos anos iniciais do ensino fundamental I, de uma determinada escola da rede pública do município de Maracás –BA; assim como, analisar os desafios enfrentados pela professora para a prática de contar de histórias no cotidiano da escola. Para tanto, propomos neste texto, inicialmente, fazer algumas considerações analíticas e propositivas acerca da contação de histórias como potência lúdica, do despertar o imaginário das crianças. Em seguida, discorreremos acerca dos caminhos metodológicos utilizados para este estudo; depois, apresentaremos nossas análises acerca da prática de contar histórias em uma escola dos anos iniciais do Município de Maracás-BA, com foco para datas comemorativas. Por fim, traremos à baila nossas considerações finais.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO POTÊNCIA LÚDICA DO DESPERTAR IMAGINÁRIO DAS CRIANÇAS

A priori, é importante enfatizar que a contação de história surgiu há muito tempo, antes mesmo da escrita, ou seja, não tendo uma data cronológica que marque seu surgimento. Visto que, desde sempre a humanidade sentia a necessidade de contar e recontar fatos históricos que faziam parte do passado e cultura de cada povo. Conforme Busatto (2006, p. 25), “a contação de história ou narração oral dá ao sujeito que conta e ao sujeito que houve um contato com outras dimensões de seu ser e de sua realidade que os cerca”. Desse modo, um contador de histórias, em todo tempo e lugar, encontrou quem o escutasse, e normalmente eram as pessoas mais velhas que narravam aos mais novos, e assim ocorria um ciclo e as histórias e ensinamentos iam passando de geração em geração.

Busatto (2006) nos ensina que os povos indígenas são um dos maiores exemplos de contadores de histórias, destacando a importância que os indígenas têm em repassar suas histórias e ensinamentos para as futuras gerações. Nessa perspectiva, Busatto (2006, p.17) relata que “o pajé, que tinha, só ele, os segredos da arte de dizer, deixou de ser um mero instrumento de diversão e encantamento popular, para ser depositário das tradições da tribo, as

quais ele deveria transmitir às novas gerações”. Sendo assim, o contador torna-se alguém mais respeitado dentro de sua comunidade, por passar e repassar seus conhecimentos sábios.

No decorrer dos tempos, com o desenvolvimento da sociedade e o surgimento da escrita, surgiram outros contos e os contadores de histórias tiveram que se adaptar e mudar sua postura, de modo que, as histórias passaram a ser vistas com um novo olhar e com novas estratégias para seu uso e ganharam destaque como uma das oportunidades de potencializar com o imaginário das pessoas. Acrescentando-se que, a história e o conto não são usados somente para passar e resgatar ensinamentos e culturas de uma geração para outra. Nesse contexto, Busatto afirma que os contadores de histórias chegam de todas as partes, sendo elas:

Norte, Sul, Leste e Oeste. Vêm vestidos de vermelho, azul e amarelo, fitas coloridas penduradas pelo corpo; vêm com jeito de palhaço ou de princesa; outros vestidos de si próprio. Alguns trazem consigo instrumentos sonoros, músicos e cantores; outros são eles próprios músicos e cantores; alguns portam malas, bonecos, fantoches, mímica, humor; outros nada trazem, apenas vão chegando, contando, deixando leituras aos seus ouvintes (Busatto, 2006, p. 26).

Dessa forma, com o avançar dos anos, os perfis de contadores foram se alterando, e atualmente não há um tipo específico de ouvintes, bem como, não há um estereótipo de contadores. Nesse viés, visando, o contexto histórico, a contação de histórias chega nas instituições de educação dando oportunidades de passar para as crianças os ensinamentos que foram passados com os descendentes, de maneira que as crianças tenham a curiosidade e o interesse em aprender. Assim, as literaturas infantis têm o poder de auxiliar as crianças em suas maiores barreiras, e potencializar seu lado criativo e imaginário. Pois, conforme Girardello (2014, p. 69)

Contar e ouvir histórias em uma roda não é uma partilha só no plano da linguagem, é também uma troca que se dá através do próprio ar que se respira, pelo sopro compartilhado em que vibra a voz de quem fala no ouvido de quem escuta, pelo calor físico gerado pelos gestos de quem conta e de quem reage, pela vibração motriz involuntária – arrepios, suspiros, sustos – causadas pelas emoções que a história desencadeia.

É válido ressaltar que a contação de histórias é uma potência para o imaginário da criança, mas essa experiência de linguagem também tem o poder

de ampliar as possibilidades de uma criança, beneficiando a interação e o vínculo que se cria entre narrador e ouvinte. Sendo a escola o primeiro local na qual as crianças passam a interagir socialmente com mais frequência, influenciando diretamente na sua formação, é natural que ela esteja ali.

Nesse sentido, a contação de histórias tem sido uma estratégia pedagógica que é utilizada em sala de aula, pois, o ato de contar ou ler uma história abre espaços para imaginação, desenvolvendo aspectos positivos para a leitura e escrita, além de potencializar nos alunos o gosto e hábito pela leitura. De modo que, o uso da literatura favorece o processo de alfabetização e letramento e vários tipos de aprendizagem acontecem.

Embora seja comum se deparar com a problemática da contação de histórias nos anos iniciais vir a acontecer apenas em momentos de recreação, Abramovich (1997) enfatiza que, ela atua de forma positiva no desenvolvimento da linguagem, da criança, de sua criatividade e que ela expressa seus sentimentos. Diante disso,

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... pois é ouvir, sentir, e enxergar com os olhos do imaginário! (Abramovich, 1997, p.17).

É necessário que se utilize de novas práticas para que o ensino se torne mais prazeroso e significativo. Nesse sentido, o ato de contar histórias e usá-lo em sala de aula, gera retornos positivos, por exemplo o gosto pela leitura que pode ser possibilitado pelo prazer de ler e não pelo simples fato de ser obrigado. Nessa situação, Abramovich (1997, p.143) afirma que “ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico”. Percebe-se o quanto é fundamental inserir a contação de histórias no cotidiano escolar das crianças, fazendo com que percebam que o ato de ler vai além de decodificar as letras de forma mecânica.

É notável a quantidade de habilidades que possibilitam e facilitam o uso dessa prática em sala, e elas podem ser desenvolvidas através da literatura no cotidiano escolar e a contação de histórias pode ser um meio eficiente de inserir os conteúdos de forma prazerosa e lúdica para as crianças, promovendo

aprendizagens significativas, despertando sua imaginação, e criatividade. Cabe aos educadores, aguçar o imaginário infantil com o uso de histórias bem selecionadas, com vocabulário rico e diversificado, abordando o contexto cultural ao qual são inseridos.

É válido enfatizar que a ludicidade é um meio de facilitar o processo de ensino e aprendizagem da criança. Uma vez que o contexto histórico do lúdico pontua que sempre existiram brincadeiras, dessa maneira, nota-se que o lúdico está presente em todos os períodos da existência da humanidade, sendo uma experiência formativa para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Nesse viés, Oliveira (2010, p. 32) defende que

As crianças, desde a antiguidade, já brincavam com brincadeiras de construir e demolir, jogos de pular objetos e tantas outras atividades lúdicas. Ao longo da história, as atividades lúdicas foram sendo compreendidas e discernidas pela sociedade, conforme a sua concepção de mundo.

Aprender por meio do lúdico, desperta na criança sentimentos múltiplos que são aspectos necessários em todas as fases de sua vida, pois o aprender faz parte da vida, assim como o brincar é para elas. Sendo assim, considera-se que a ludicidade, nos anos iniciais do ensino fundamental 1, é uma experiência de formação para a criança, auxiliando no desenvolvimento e na aprendizagem social, cognitiva, motora e cultura. Partindo desse pressuposto, podemos salientar que as atividades lúdicas nas séries iniciais do ensino fundamental podem potencializar os conhecimentos já existentes dos alunos, além da facilidade que terá para adquirir conhecimentos e potencializar o seu imaginário, os jogos são essenciais para criar laços de amizade, afeto e companheirismo.

Entretanto, proporcionar vivências lúdicas nas séries iniciais do ensino fundamental não é tarefa fácil, de modo que, para se trabalhar com jogos e brincadeiras no campo educacional é preciso fazer com que as crianças sintam-se atraídas pela brincadeira, sintam interessadas em participar para que por fim possam chegar de fato à aprendizagem. Nessa direção, a contação de histórias necessita fazer parte do acolhimento das crianças e serem realizadas sem improvisos, para que se torne uma experiência contagiante entre os participantes, permitindo que a ludicidade passe a fazer parte do cotidiano da escola.

METODOLOGIA

Este estudo partiu de uma abordagem qualitativa, que contou com uma pesquisa bibliográfica e o estudo de campo inspirado na pesquisa etnográfica. Optou-se pela abordagem qualitativa, pois não buscamos expressar através de números os fatos e dados estatísticos, mas sim, compreender a realidade e seus fenômenos do cotidiano escolar que foi estudado.

Iniciamos com o estudo bibliográfico, trazendo o pensamento de alguns estudiosos da área, para podermos nos aprofundar como o lúdico é utilizado no desenvolvimento do imaginário, na contação de histórias, para crianças nos anos iniciais do ensino fundamental I. Desse modo, Boccato (2006, p. 266) descreve a pesquisa bibliográfica como, “Busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas”.

Para o desenvolvimento do estudo de Campo, foi utilizado o método inspirado na pesquisa etnográfica, sobre um olhar com a perspectiva histórico-cultural. É relevante enfatizar que, a pesquisa do tipo etnográfico foi elaborada por antropólogos com a finalidade de estudar e compreender a sociedade e a cultura. Como também, esse tipo de pesquisa vem sendo utilizado para entender os contextos educacionais. Dessa maneira,

A pesquisa etnográfica busca a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não sua testagem. Para isso faz uso de um plano de trabalho aberto e flexível, em que os focos da investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas de coleta, reavaliadas, os instrumentos, reformulados e os fundamentos teóricos, repensados (André 1995, p. 25).

Diante de todo o contexto já citado acima, foram utilizados como dispositivos de produção de informações: a observação, o diário de campo e a entrevista. Toda observação requer anotações, dessa maneira, a escrita e leitura do diário reconfigura a relação com o tema de pesquisa e registra as memórias relacionadas. Assim, a escrita em um diário de campo pode produzir reflexões

que levam ao surgimento de outros afetos e novas análises. De forma complementar, esta pesquisa também contou com a entrevista, que pode ser considerada “[...] como uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação” (Gil, 1999, p. 117).

A pesquisa foi desenvolvida na sala de aula, em uma turma de 2º ano, em uma determinada escola de anos iniciais do ensino fundamental 1 que atende crianças do 1º ao 5º ano, localizada no município de Maracás–BA. A turma investigada continha 19 alunos de idades entre 7 a 8 anos, com regência de uma professora que administra os quatro primeiros horários do turno da manhã, e já no turno da tarde as crianças têm mais três horários que são divididos entre as disciplinas extracurriculares.

Para análise dos dados, contamos, primeiramente, com a observação em sala, envolvendo as crianças que por si só já possuem um instinto investigativo, que nos envolvem cheios de curiosidades e muitos questionamentos, querendo saber de tudo, “*Qual teu nome pró?*” ou “*A senhora vai ser nossa nova professora*” “*vai vir amanhã? Senta do meu lado?* Entre muitas outras questões que foram levantadas em pouquíssimos minutos que estávamos ali. Desse modo, os nossos primeiros autores foram as crianças, seguindo, é claro, as questões éticas das pesquisas com crianças, na qual, tendo a finalidade de destacar as falas e as ações do cotidiano e no espaço escolar, cuida de proteger a sua imagem e identidade.

Tendo a entrevista como um instrumento de pesquisa, foi realizada a entrevista com professora regente da sala, abordando sua compreensão, seus conhecimentos, sua experiência, e sua opinião sobre a temática estudada, esclarecendo e se posicionando sobre sua forma de trabalhar e como é feito o trabalho para despertar o imaginário das crianças no dia a dia na sala de aula, bem como, os recursos usados por ela no momento da contação de história.

O “Era uma vez” de uma sala de aula

A contação em sala de aula fomenta um espaço constitutivo para a

criatividade, imaginação e formação de ser crítico. Além disso, através da contação de histórias, a criança pode atribuir significados ao seu próprio contexto. Como afirma Schwarcz (2013, p. 51), “As boas histórias são cheias de surpresas e imprevistos, de situações que divertem, causam medo, emocionam — enfim, que nos colocam em um mundo não cotidiano, com suas próprias regras.”. Sendo assim, a magia de uma contação de história desperta a imaginação da criança, criando condições favoráveis para o desenvolvimento de uma mente perceptiva e inventiva. Nesse contexto, Coelho (2001, p. 12) enfatiza que:

A história alimenta a imaginação da criança há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimento, disciplinar até fazer uma espécie de chantagem ‘se ficarem quietos, conto uma história.’ ‘Se isso’ “se aquilo” quando inverso que funciona. A história aquieta serena, prende atenção, informa socializa e educa. O compromisso do narrador é com a história, enquanto fonte de sofisticação de necessidades básicas das crianças. Se elas escutarem desde pequeninas, gostarão de livros vindo descobrir neles histórias como aquelas que lhes eram contadas.

Diante desse exposto, salienta-se primeiramente a importância de trazer para a sala de aula o uso de livros infantis, bem como, explorar o mundo da contação de histórias. Contudo, as histórias e os livros devem ser escolhidos de acordo com a faixa etária das crianças e seu nível de compreensão. Logo, o professor deve buscar na contação narrativas que a criança consiga se identificar e fazer sua própria leitura de mundo. Assim, vale apontar que:

[...] faz muito sentido pensarmos a literatura como porta de entrada para a leitura das crianças. As histórias abordam situações muito próximas de seu cotidiano, falam de famílias, diferentes culturas e épocas, dos sentimentos, das relações, alimentam a imaginação e a fantasia, e contribuem com a socialização. Além disso, durante parte da infância as crianças buscam saber o que faz parte da realidade e o que é ficção. Sem dúvida estes são conceitos difíceis, porém as histórias as ajudam a compreendê-los. Fornecem elementos para a ampliação de seu conhecimento literário, social, histórico e cultural (Fonseca, 2012, p. 23-24).

O professor tem um grande papel dentro da sala de aula, para fundamentar a mediação entre a criança e a literatura, sendo primordial que o professor/leitor se relacione. Neste sentido, é importante apresentar a sala de aula investigada, na qual a Figura 1, logo abaixo, permite observar a sua estrutura.

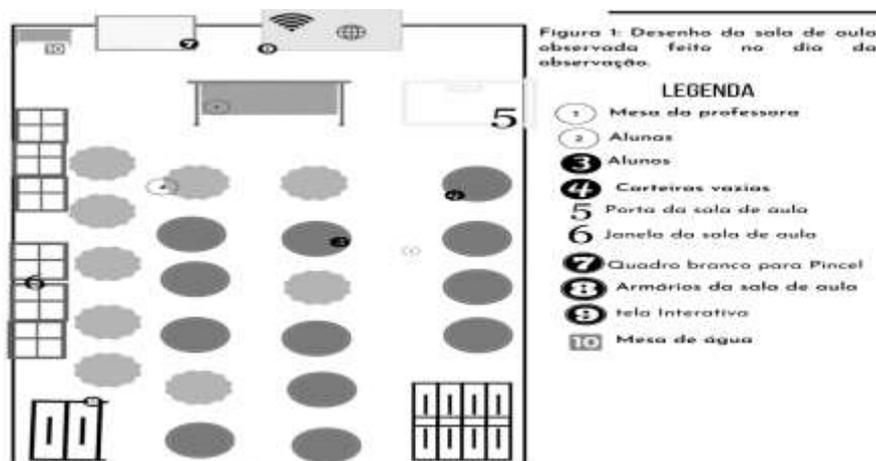


Figura 1 – infográfico da turma do 2º

Fonte: Elaboração própria, construída através das pesquisas realizadas

Podemos perceber pela Figura 1, que a sala de aula, é um ambiente agradável e aconchegante, possui uma decoração atrativa e é contemplada com dois armários, um para o professor e o outro dos alunos, cada aluno tem seu espaço para guardar suas coisas, materiais e afins.

Buscamos nos atentar em cada detalhe da sala de aula, vivências e práticas do cotidiano escolar, nos alunos, professores, os recursos usados em sala, os materiais que havia nos armários, falas e gestos que nos levassem à compreensão da estrutura da sala de aula e do seu papel de construir e despertar novos significados. E, principalmente, se a contação de histórias se fazia presente.

Sobe um olhar etnográfico, cheguei no meu local de pesquisa para a observação as 7h50 da manhã, com a finalidade de observar a chegada das crianças, bem como, a da professora regente. Os alunos ficaram muito eufóricos com a minha chegada, logo notei muitos olhinhos curiosos que desprendiam a atenção para me olhar, muitas perguntas e muitos abraços calorosos tomaram conta da minha manhã. Mas, logo a aula iniciou e fizeram suas atividades e rotina como de costume. Chamou minha atenção que durante o horário do lanche as crianças têm apenas 15 minutos de intervalo, para lanche e brincar (Diário de campo, 08/2023).

Como pode-se observar através do infográfico, as cadeiras enfileiradas nos permitem analisar um modelo de sala de aula tradicional, com a mesa do

professor centraliza em frente delas, no fundo da sala encontram-se os armários: um contendo as coisas pessoais dos alunos e o outros com os recursos do professor. Logo a frente, temos o quadro branco e a tela tecnológica.

Nesse viés, durante a observação realizada em sala, notamos que a contação de histórias não se fez presente na rotina das crianças, bem como, os livros infantis que não estão presentes em sala, e nem mesmo fora dela, as crianças não têm uma procura ativa e nem são incentivadas a ler. O que de certo modo é preocupante. O contato com os livros, a contação de história se limita nos anos iniciais, deixando de ser um recurso importante para uma grande parcela de educadores. Contudo, Abramovich (1997, p. 24) orienta que “ouvir histórias é viver um momento de gostosuras, de prazer, de divertimento dos melhores [...]”. Desse modo, através desse ato, pode-se ampliar o conhecimento da linguagem e o conhecimento de mundo.

No primeiro dia de aula, teve uma contação de histórias, algumas alunas fizeram parte dessa contação, o livro era extenso e não havia gravuras, a professora leu algumas páginas e logo passou para uma das alunas lerem.

Aluna: Deixa eu ir, pró, por favor?

Aluna: Eu também quero!

Professora: Pode vir.

A aluna leu algumas páginas do livro, e a sala havia perdido o foco, começaram-se as conversas, de imediato a professora reclamou e os meninos retomaram a leitura. Nesse mesmo livro, outras duas alunas também contaram a história, e os olhinhos delas brilhavam quando contavam a história para os colegas (Diário de campo, 08/2023).

Em consideração a isso, o educador tem o papel de incentivar a leitura do aluno, potencializar o imaginário e despertar a criatividade da criança. Mantoan (2003) salienta que, a Literatura Infantil proporciona para a criança um modo de aprender a leitura e a escrita, conseguem cultivar novas experiências de aprendizagem, conferindo aos alunos maior independência e autonomia em sala de aula. Como pode ser visto na figura abaixo.

Figura 2- A Contação de história



Fonte: Arquivos da autora

Assim, durante o período de observação, foi percebido que em alguns momentos as crianças tiveram acesso direto à contação de histórias e aos livros infantis, como foi relatado acima no diário de campo, em alguns momentos elas foram incentivadas a contar e criar suas histórias.

É válido frisar que, ao possibilitar a contação de história, o professor precisa convidar o aluno a se aventurar nas próprias interpretações, necessita ser mediador e conduzir a leitura do texto e assumir seus riscos, aumentando suas habilidades de saberes e técnicas, além disso, é fundamental que ele busque potencializar a criatividade e despertar o imaginário da criança. Ademais, o professor tem que desenvolver na criança o gosto pelos livros, incentivá-los a cada vez mais ler.

Figura 3 - Crianças contadoras de história



Fonte: Arquivos da autora

Como pode ser analisado nas figuras 2 e 3, nota-se um momento em que ocorreu a contação de histórias e o uso de livros infantis em sala, como também, pode-se observar a participação das crianças durante a contação, e a felicidade

estampada no rosto dela ao ler o livro. Além disso, na figura mostra algumas crianças prestando atenção na leitura da professora e outras dispersas.

A escola oferece muitos recursos para potencializar o despertar lúdico e imaginário das crianças. Como pode ser observado na figura 4 abaixo:

Figura 4- recursos ludo pedagógicos



Fonte: Arquivos da autora

Dentro da escola, encontra-se um grande acervo de livros e também possui uma biblioteca. Além dos livros, a instituição oferece uma grande variedade de recursos como, fantasias, fantoches, matérias para fazer peças e encenações. Cabe ao professor dar o primeiro passo, e inserir esse material no dia a dia, fazer a utilização desses recursos para completar e ampliar a rotina das crianças, tornando as aulas mais lúdicas e significativas possíveis, fazendo com que a educação se torne transformadora na vida dos alunos.

Pereira e Bonfim (2016, p. 221) afirmam que “mesmo com várias possibilidades de aprofundamento sobre a dimensão lúdica, há resistência por parte da escola em vivenciar a ludicidade”. Assim sendo, entendemos que fica implícito uma situação de desvalorização da contação de histórias nos anos iniciais, mesmo a escola contendo inúmeras possibilidades e recursos, há uma resistência muito grande por parte da professora e falta de apoio e incentivo da escola diante desse contexto. Visto que, imaginário é parte inseparável da existência humana, em todos os momentos,

O papel do educador é fundamental quando acontecem atividades lúdicas em sala. Sua posição deve ser antes de tudo, de investigador do modo de pensar da criança para ajudá-la a compreender os conteúdos escolares e a superar dificuldades (Santos, 2000, p.77).

Ao despertar o imaginário de uma criança, podemos provocar nela várias reações e sentimentos. Deixando-os ansiosos, atentos, surpresos. Sentimentos podem ser notados não somente através da linguagem verbal, mas também ao observá-los através, das expressões. Como pode ser analisado na figura 5.

Figura 5- um momento lúdico



Fonte: Arquivos da autora

Semana do folclore, e nesse dia a professora criou uma história para contar para os alunos, ela intitulou como “amigos da floresta” “nessa história havia todos os personagens do folclore e eles protegem a floresta. Ela contou a história com o auxílio de um cenário, preparado por ela mesmo. Ela ia colando os personagens com auxílio de um velcro no cenário. Ao longo que ela ia contando as crianças ficavam super ansiosas para saber qual seria a personagem da vez, todos muitos eufóricos falavam:

Alunos: Agora vem o saci!

Aluno: não é não é a sereia, né pró Nanda?

Pesquisadora: não sei viu, será? Vamos descobrir agora!

Todos ficaram encantados e entusiasmados com a história, e no final todos queriam ir ver o cenário de perto (Diário de campo, 08/2023).

Ao contar uma história, o professor deve se organizar e planejar aquele momento, de modo que os alunos irão observar todos os pontos da história, quando a contação é planejada e é utilizada para despertar o imaginário, Castro (2008, p. 1) explica que: “Existem dois fatores que contribuem para que a criança desperte o gosto pela leitura: curiosidade e exemplo”. Nesse sentido, o livro deveria ser visto com mais importância, e a curiosidade como sendo uma característica inata do sujeito e descoberta de saberes experienciais.

Desafios para desenvolver a prática da contação de histórias na sala de aula.

O maior desafio é, de fato, inserir a contação e o uso de livros infantis na rotina das crianças, especificamente nos anos iniciais. Como também, compreender a importância desse recuso e usá-lo a favor de uma aprendizagem mais significativa e prazerosa. Até mesmo porque, os textos lidos em sala de aula devem potencializar o prazer pela leitura, dando abertura para o despertar lúdico e imaginário das crianças. Abramovich (1997, p. 141) argumenta que:

Muitas vezes, dá nisso: adoção de autores medíocres, menores, desimportantes, muitas vezes contando histórias pra lá de desinteressantes, chatas, monótonas, antigas tantas vezes falando duma criança que não existe mais de problemas que não tocam ou sensibilizam... E como se pode estabelecer uma relação boa e gostosa com a literatura quando se trabalha em cima de textos assim (ou penas desse tipo)? Por que não pode adotar e propor a leitura de tantos livros no mês ou no bimestre - conforme a escolha de cada aluno-, em função de seus parâmetros, vontades, buscas, aflições, desse período?

Assim sendo, torna-se necessário trazer para sala de aula leituras que fazem sentido com o contexto a qual as crianças estão inseridas e leituras que se fizeram presentes durante toda aula. Contar uma história vai muito além do ato apenas de ler o livro, são vários contextos que fazem aquele momento ser especial e geram experiências positivas para as crianças. Nessa linha de pensamento, Abramovich também afirma que:

A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquieta, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... E isso não sendo feito uma vez ao ano... Mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente – o que não significa trabalhar em cima dum esquema rígido e apenas repetitivo (Abramovich, 1997, p. 143).

Os maiores desafios para inserir a contação de história na sala de aula é a preparação e os recursos para que chamem a atenção das crianças. Nessa perspectiva, Ribeiro (2010, p. 11) salienta que, para um professor utilizar adequadamente a metodologia da contação de história e livros infantis em sala de aula, é necessário conhecer bem o enredo da história, e, dessa maneira “[...] estará se envolvendo com o tema, vivendo-o e emocionando-se. É importante também ter uma voz clara e agradável, que se modifica de acordo com a situação e os personagens. Dosar e não exagerar na carga de emoção.”. Ou seja, a contação de histórias contida na literatura infantil é indispensável para desenvolver as potencialidades e despertar o imaginário das crianças.

Semana folclórica na escola, e a professora havia comentado comigo que nessa semana teria muitas histórias para serem contadas. Em seguida, iniciou-se a aula como de costume com as saudações e depois a oração. A professora comunicou às crianças que iria contar a lenda do boitatá, eles ficaram entusiasmados, pois a maioria já conhecia, e como sempre muitos comentários surgiram.

Aluno: O boitatá é uma cobra com fogo na cabeça né, pró?

Professora: É, sim, ela protege a floresta de caçadores.

Aluno: O curupira tem fogo na cabeça também e a mula, né, pró?

Aluno: Eu amo histórias do folclore, porque é de terror e eu nem tenho medo,

sabia, pró Nanda? Essas meninas da sala tudo tem medo, tu tem medo também, pró?

Pesquisadora: Oi, meu amor, a pró não tem medo, não, porque os personagens só fazem mal para aqueles que não cuidam da floresta.

A professora pediu silêncio da turma, pegou o celular e realizou a leitura da história, algumas crianças não estavam prestando atenção, acredito que tenha sido por conta da forma escolhida de contar a história (Diário de campo, 08/2023).

Diante dessas constatações, nota-se a importância dos recursos para realizar a contação de histórias. De modo que ela necessita ser contada em prol de um algum propósito e não por contar só por contar. Entretanto, a busca por facilitar o processo é mais prática e fácil e muitos educadores, sem o mínimo de interesse ou preocupação contam e recontam as histórias de qualquer jeito, sem um preparo adequado.

Daí surge a necessidade de se falar em formação continuada. Alguns professores não possuem informações qualificadas sobre as temáticas abordadas até aqui, muitos deles acham comum a ausência do lúdico nos anos iniciais e tanto faz se tiver presente ou não, muitos querem facilitar o processo o que leva a prejudicar o desenvolvimento da criança.

Facilidades” (antipedagógicas) apresentadas domina qualquer outro tipo de tentativa que se venha fazer para quebrar tal esquema as facilidades do manual põem o saber ao alcance da mão e, por isso mesmo, congela-nos nas ideias instituídas, destruindo-o, uma vez que o seu uso ‘amarra’ o professor em uma rotina que lhe tira a liberdade e a criatividade (Leite, 1983, p. 38).

Vivemos atualmente em um mundo tecnicista, no qual a tecnologia está tomando conta de todos os lugares, inclusive na sala de aula, na qual os livros estão sendo trocados por telas, os fantoches, por desenhos em televisões. Como pode ser visto na figura a seguir.

Figura 6- A substituição dos livros infantis por telas



Fonte: Arquivos da autora

Por tudo isso, a escola, os professores e os alunos necessitam compreender e valorizar o uso do livro, pois, cada vez mais eles estão sendo esquecidos e deixados empoeirados guardados na estante, ao invés de serem lidos. Contudo, torna-se necessidade e dever da escola indicar diretrizes e incentivar a prática da leitura no cotidiano escolar. Nesse viés, Ziraldo (1988, p. 27) salienta que, “... a tônica da escola deveria ser a leitura, num trabalho que fizesse do hábito de ler uma coisa tão importante quanto respirar”. Até mesmo porque, “o amor pelos livros não é coisa que apareça de repente” como afirma, Sandroni e Machado (1988, p.16). Ou seja, é necessário ajudar a criança a descobrir o que eles podem oferecer.

De acordo com Vargas e Zavelinski (2011, p. 15), “na maioria das vezes, embora sabendo da importância em utilizar atividades diferentes e motivadoras que atendam à demanda de alunos de hoje, a escola e os processos de ensino e aprendizagem são reproduções de décadas anteriores.”. Em meio a tantos avanços na educação, ainda encontramos professores reprodutores, com mentes fechadas que não estão abertos para mudanças.

Em síntese, o ato de contar histórias ocupa um espaço na sala de aula, que fornece fonte de prazer, proporcionando momentos lúdicos. Todavia, é necessário que esse momento seja prazeroso para ambas as partes, pois o professor não pode se constituir narrador se ele próprio não encontra prazer em narrar histórias. Segundo Prieto (1999, p. 41):

Em plena virada de milênio, quando o professor se senta no meio de um círculo de alunos e narra uma história, na verdade cumpre um desígnio ancestral. Nesse momento, ocupa o lugar do xamã, do bardo celta, do cigano, do mestre oriental, daquele que detém a sabedoria e o encanto, do

porta-voz da ancestralidade e da sabedoria. Nesse momento, ele exerce a arte da memória.

Conclui-se que, a contação de histórias deve ser inserida nas aulas não só por uma obrigação, mas, sim, uma escolha do professor. O maior desafio é inseri-la em sala, cada vez mais os livros estão sendo deixados de lado. Abramovich (1997, p. 16) salienta que “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo”. É preciso incentivar o hábito da leitura, o hábito de ouvir, para que as crianças potencializem a sua imaginação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a escola um lugar de construção de aprendizagem, em especial, para os primeiros anos do ensino fundamental 1, em que o aluno faz a transição da educação infantil para os anos iniciais é primordial que os educadores saibam trabalhar com diferentes artefatos lúdicos, para que possam despertar a imaginação e criatividade da criança.

Neste estudo, que teve como objetivo compreender como o lúdico é colocado em prática na contação de histórias para potencializar imaginário das crianças dos anos iniciais do ensino fundamental I, de uma determinada escola da rede pública do município de Maracás–BA; assim como, analisar os desafios enfrentados pela professora para a prática de contação de histórias no cotidiano da escola, como principais resultados constata-se que: a contação de história é um excelente artefato pedagógico, cultural e prazeroso, sendo de grande potência no processo de construção da imaginação e criatividade. Assim, a contação de histórias tem um espaço garantido no Ensino Fundamental 1, desde que o educador saiba explorar esses momentos de forma correta, despertando e potencializando de forma lúdica o imaginário da criança.

A etapa dos anos iniciais não é sinônimo de rupturas e descontinuidades e, por isso, os educadores do Ensino Fundamental I necessitam compreender que as aprendizagens não ocorrem de maneira fragmentada e que é necessário

trazer o lúdico também para essa etapa e não só o restringir apenas na Educação Infantil. No entanto, apesar do aumento das pesquisas sobre a contação de história como uma potência lúdica para despertar o desenvolvimento imaginário das crianças, ainda é preciso que novas pesquisas surjam, no que diz respeito à contação de histórias, nessa outra etapa da infância, nas escolas do Ensino Fundamental I, espaço educativo investigado, como pudemos analisar, muitas vezes essa prática é vista como uma atividade recreativa, focada no calendário comemorativo, sendo considerado como algo negativo ou desnecessário.

A pesquisa de campo foi crucial para afirmar essa dicotomia do lúdico que existe nos anos iniciais, as vivências lúdicas deixam de ser parte essencial do ensino. Neste aspecto, os dados produzidos através das observações realizadas, apontam a falta de conhecimento e preparo tanto da escola quanto da professora regente da sala de aula observada. Também ficou muito mais evidente que a contação de histórias não é uma prática inserida em sala da escola investigada, e tão pouco é utilizada a fim de despertar o imaginário da criança. Uma vez que analisamos a forma como ela foi empregada em sala, uma história contada pelo celular, um livro sem imagens, uma biblioteca fechada, quinze minutos de intervalo para lanche e brincar. E isso, já responde muitas questões.

Diante disso, analisamos que esses momentos só acontecem em dias específicos e mesmo nesses dias, a real intenção das educadoras não é a de potencializar a criatividade e o imaginário do aluno, e sim, cumprir com o planejamento escolar, já que a escola possui um projeto de leitura. Entretanto, mesmo sem a compreensão por parte da professora e sem a intenção dela, essas pequenas ações ainda que sem preparo, acabam despertando o lado imaginário de alguns alunos. Mas, são algumas pequenas exceções.

É necessário destacar, que a falta de informações e de uma formação continuada é um dos nossos maiores impasses aqui, muitos educadores seguem aquele velho pensamento de que ao adentrar no Ensino Fundamental, o lúdico, o brincar, os jogos, a contação de história não são mais tão necessários, o que nos leva a um ensino tradicional, gerando consequências futuras, entre elas, a do adulto pouco criativo. Notamos a falta de preparo, a falta de uma formação

continuada envolvendo os aspectos lúdicos. Tendo em vista essa falta de formação continuada, surgem diversos empecilhos que impedem a introdução dessa prática de contação de história em sala.

Contudo, há muitos desafios a serem vencidos, o ato de contar história é muitas das vezes deixado de lado nos anos iniciais, ou é utilizado apenas em momentos de recreação, muitas vezes sem nenhum propósito definitivo, ou simplesmente para celebrar alguma data comemorativa. Infelizmente essa prática está cada vez mais sumindo do contexto escolar.

Com o avanço tecnológico, as histórias estão sendo passadas em telas, os livros infantis estão a cada dia perdendo o lugar, em vez de foliar um livro, as crianças estão descendo seus dedos em telas, o gosto pela leitura vai sendo deixado de lado. Nota-se que muitos professores ainda têm uma visão ultrapassada de que a contação de história se destina exclusivamente à Educação Infantil, por isso se restringem a utilizar essa prática em outras séries. É importante destacar que a tela também é um livro digital e muitas pessoas que têm acesso, podem despertar o gosto pela leitura através delas.

Portanto, o ato de contar histórias é uma das formas mais potentes de aproximar as crianças dos livros, principalmente, quando ela ainda não sabe ler. Por isso, é indispensável que ocorra a mediação do professor, no momento da contação da história. Sendo assim, para contar uma história, o professor deverá estar por dentro do conto, se entregar à experiência tanto quanto as crianças, é necessário que o educador queira fazer esse momento de forma significativa, para potencializar o imaginário das crianças.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1995. p.15-26

BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ.** Cidade de São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006

BUSATTO, Cléo. **A Arte de Contar Histórias no século XXI**. Petrópolis, RJ: 2006.

CASTRO, Eline Fernandes de. **A importância da leitura infantil para o**

desenvolvimento da criança. Trabalho científico de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Específica em Português) - apresentado à Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, 2008

CARDOSO, M, C. O Livre Brincar e a cultura lúdica infantil: experiência, performance e imaginário da criança. In: D'ÁVILA, C; FORTUNA, T. R. (Orgs.). **Ludicidade, Cultura Lúdica E Formação De Professores.** Editora CRV, Curitiba, 2018. pp.159-173.

COELHO, Betty. **Contar Histórias: uma arte sem idade.** 10. ed. São Paulo: Ática, 2001.

FINCO, Daniela; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (orgs). **Campos de experiências na escola da infância: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro.** Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2015.

FONSECA, Edi. Interações: com olhos d ler, apontamentos sobre a leitura para a prática do professor da educação infantil. São Paulo: **Blucher**, 2012. (Coleção InterAções).

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4 edição. São Paulo. Editora. Atlas. S.A. 2002.

GIRARDELLO, Gilka. **Uma clareira no bosque: contar histórias na escola.** Campinas, SP: Papyrus, 2014.

GIRARDELLO, Gilka. **Crianças inventando mundos e a si mesmas: ideias para pensar a autoria narrativa infantil.** Childhood & Philosophy, Rio de Janeiro, v. 14, n. 29, jan.-abr. 2018.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. Invasão da catedral: Literatura e ensino em debate. Porto Alegre: Mercado Aberto: 1983.

MANTOAN. Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer.** São Paulo: Moderna, 2003.

OLIVEIRA, Juliana Ribeiro de. **O prazer de aprender brincando.** Niterói: Ática, 2010.

PEREIRA, Lucia Helena Pena; BONFIM, Patricia Vieira. Ludicidade e Formação da Criança no Primeiro Ano do Ensino Fundamental. **Educação e Foco**, Juiz de Fora, v.20, n. 3, p. 215-236, nov. 2015/ fev. 2016.

PRIETO, Heloísa. Quer ouvir uma história: Lendas e mitos no mundo da criança. São Paulo: Angra,1999. Col. Jovem Século XXI

RIBEIRO, Elisa. **A Contribuição da contação de histórias para a aprendizagem na educação infantil.** Curitiba, 2010, p.11

SANDRONI, Laura C; machado, Luís Raul. A **CRIANÇA E O LIVRO: GUIA PRÁTICO DE ESTÍMULO À LEITURA.** São Paulo, Ática, 1988.

SANTOS, Santa Marli Pires. **Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico.** Petrópolis. Vozes. 2000.

VARGAS, Jamily Charão; ZAVELINSKI, Angélica Lopes. Práticas Docentes no Ensino Fundamental: Reflexões Sobre o Brincar e o Estudar. **Revista Didática Sistêmica**, v. 13, n. 2, 2011

SCHWARCZ, Luiz. Caderno de Leituras Orientações para o trabalho em sala de aula. companhia das Letrinhas. **Editora Schwarcz S.A.** São Paulo, 2013.

PINTO, Ziraldo Alves. **A escola não está preparada para a magia da leitura.** Nova Escola, /Fundação Victor Civita, nº. 25, out. 1988.